

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONCEITOS DE INTERAÇÃO, ESTIGMA E DOMINAÇÃO MASCULINA PARA OS ESTUDOS DE PROSTITUIÇÃO FEMININA

THE CONTRIBUTION OF THE CONCEPTS OF INTERACTION, STIGMA AND MALE DOMINATION TO THE STUDY OF FEMALE PROSTITUTION

Fabio Lopes Alves*

ALVES, F. L. A contribuição dos conceitos de interação, estigma e dominação masculina para os estudos de prostituição feminina. **Akrópolis** Umuarama, v. 18, n. 2, p. 97-107, abr./jun. 2010.

RESUMO: O presente texto tem por objetivo discutir as possibilidades que os conceitos de interação e estigma de Erving Goffman e de dominação masculina de Pierre Bourdieu, oferecem para estudos acadêmicos que tenham como objeto a prostituição feminina. Entende-se que a utilização desses conceitos permite descortinar uma realidade que está posta, mas ao mesmo tempo, carece de novas investigações acadêmicas. Para tal, o presente artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: num primeiro momento discute-se o conceito de interação. Em seguida, trata-se de compreender o entendimento de estigma. E por fim, analisa-se a contribuição da dominação masculina como chave de interpretação para as questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVES: Interação; Estigma; Dominação masculina.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the possibilities that the concepts of interaction and stigma of Erving Goffman and masculine domination of Pierre Bourdieu offer to the academic studies which have as object the female prostitution. It is understood that the use of these concepts allows revealing a reality that is already recognized, but it also requires more academic investigations. By this way, this paper brings up the concept of interaction. Then it intends to understand the meaning of stigma. Finally, it analyzes the contribution of male domination as the key to the interpretation of some related questions.

KEYWORDS: Interaction; Stigma; Male Domination.

*Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e professor da Universidade do Estado de Mato Grosso.
fabiodu@hotmail.com

Recebido em Janeiro/2010
Aceito em Abril/2010

INTRODUÇÃO

Seguindo a trilha desbravada por Erving Goffman, o cotidiano da prostituição pode ser analisado, metaforicamente, a partir da perspectiva da representação teatral. Essa abordagem oferece as ferramentas necessárias para investigar a maneira como as garotas de programa se apresentam em situações rotineiras aos clientes, os meios, isto é, os recursos utilizados para isso, bem como as lógicas que fundamentam essas ações.

Tomando a perspectiva dramaturgica como quadro teórico, alguns elementos se apresentam imediatamente. De início é possível destacar três. Primeiramente, o palco que consiste nos limites físicos do prédio do cabaré, em que a vida das meretrizes se apresenta tanto de forma ensaiada quanto real. O segundo elemento consiste no fato de nesse ambiente, ao se constituir em palco, existe atrizes que se apresentam de forma ensaiada, com “máscaras” que permitem encenar com maior riqueza um ou vários personagens, de acordo com a necessidade daquilo que Goffman considera como terceiro elemento que é a platéia que se constitui na figura dos clientes.

É Goffman que nos leva a não tomar como natural os aspectos da interação face a face. Nessa forma de sociação há diversos elementos que precisam ser investigados num contato, por exemplo, entre prostitutas e clientes.

INTERAÇÃO

Quando um homem chega ao cabaré à presença das garotas de programa, estas, imediatamente procuram obter algum tipo de informação a seu respeito, ou trazem à baila, as que já possuem. Estarão interessadas na situação financeira, seu objetivo final, com o intuito de diagnosticar se este está apenas para conversar, ou se, seu interesse consiste em assistir um *strip-tease*, realização de um programa entre outros. Isso é o que, à luz de Peter Berger e Thomas Luckmann, chamamos “definição de situação”. Esse é um momento da interação em que a re-

lação entre essas pessoas são altamente flexíveis. Uma das características é a inexistência de padrões rígidos. Todavia, independente dos padrões utilizados eles poderão ser modificados continuamente. A partir dessa definição que será refletido sobre as atitudes a serem tomadas e o grau de confiança a ser destinado¹.

No interior da zona de meretrício, a busca dessas informações, em alguns casos se constituem quase como um fim em si mesmo. Conforme nos mostra Erving Goffman há comumente razões bem práticas para obtê-las.

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter a resposta desejada².

No caso das dinâmicas interacionais no cabaré, são essas informações procuradas inicialmente para definir a situação, que conduzirão e estabelecerão os limites impostos ao encontro. A partir desse conhecimento antecipado do cliente, a garota traçará um plano de atendimento com o intuito de que ele corresponda com aquele padrão que foi estabelecido.

Quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agir de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter³.

Depois de alcançados esses objetivos iniciais, a interação não ocorrerá de maneira fechada no sentido de seguir à risca aquilo que se planejou inicialmente. Conforme a sociação vai se desenvolvendo poderá ocorrer alterações nos padrões estabelecidos inicialmente.

Dado o fato de o indivíduo efetivamente projetar uma definição da situação quando chega à presença dos outros, podemos supor

¹BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 48.

²GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.11.

³GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.15.

que venham a ocorrer, durante a interação, fatos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer modo, lancem dúvidas sobre esta projeção. Quando estes fatos perturbadores ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa. Algumas das suposições sobre as quais se baseavam as reações dos participantes tornam-se insustentáveis e os participantes descobrem envolvidos numa interação para a qual a situação havia sido erradamente definida e agora não está mais definida⁴.

A partir da definição da situação entre prostituta e cliente, a garota estabelece um plano para a interação. No entanto, à medida que ocorrem contradições, entre aquilo que se espera e aquilo que se apresenta como real, a socialização sofrerá alterações ou interrupções que exigem determinados traquejos nessas circunstâncias. Quando a garota percebe que está numa relação contraditória, esta por sua vez lançará mão de truques previamente estabelecidos para resolver essas situações.

Como se pôde perceber, até aqui, tem-se utilizado deliberadamente o conceito de interação. Para tal, é necessário conceituar-se o entendimento desse termo. À luz de Erving Goffman, a interação, aquela que ocorre face a face, pode ser definida como

A influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física e imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos uns se encontram na presença imediata de outros.

De igual modo, um estudo que tem como pano de fundo as dinâmicas interacionais, fica deslocado ao analisar um determinado tipo de interação sem se preocupar com a maneira como ela é desempenhada. Por isso, por desempenho – que também pode ser descrito como performance – entende-se “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que

sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes⁵”.

Ao analisar as dinâmicas de interação e sociabilidade na zona de meretrício, a partir da perspectiva teatral é preciso ilustrar alguns elementos dessa dramaturgia. De início, a zona de meretrício pode ser entendida como palco de uma trama onde diferentes atores desempenham diversos papéis. As atrizes que atuam nesse palco são as meretrizes que ali encenam múltiplas representações.

Compreende-se que o princípio de uma representação só ocorre em função de outras pessoas que se constituem nos observadores. O termo representação pode ser utilizado “para referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes algumas influências⁶”.

Dada a presença de um público nesse palco, as prostitutas desempenham um papel e fazem esforços para que público leve a sério a impressão mantida por elas. Essa representação tem como pano de fundo a tentativa de, naquele momento, simular a personagem que o cliente almeja. Como essa sociação é realizada em função de um dos personagens, por vezes quem a representa nem sempre está compenetrado no papel que desempenha.

Para melhor compreender o desenvolvimento da representação dessa trama devem-se observar também outros elementos que fazem parte da encenação. Dentre eles a fachada.

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua apresentação⁷.

A fachada se torna uma ferramenta expressiva empregada pelo indivíduo durante sua representação, que para um melhor entendimen-

⁴GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.21.

⁵GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.23.

⁶GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.29.

⁷GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.29.

to pode ser dividida em duas partes. De um lado, há o cenário e de outro a fachada pessoal.

No cabaré, instrumentos como mobília, decoração, disposição física, arquitetura, cores de luzes, formam o cenário. Por isso, não se pode analisar a relações de interação e sociabilidade sem atentar para os recursos disponíveis nesse cenário, e as maneiras como são utilizados. No âmbito da fachada, além do cenário encontra-se, também, o que Erving Goffman denominou de fachada pessoal. “Entre as partes da fachada pessoal pode-se incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade, altura, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes⁸”.

É por isso que interessa compreender como se compõe a fachada pessoal da garota de programa, de modo a perceber a escolha das roupas utilizadas, cuidados corporais, as expressões e gestos utilizados entre elas e também com os clientes.

Durante a interação, a prostituta utiliza de realizações dramáticas ao incluir em sua atividade sinais que acentuem sua presença que, sem isso, poderia passar despercebida. Uma de suas tarefas nessa interação é torná-la significativa para os frequentadores, por isso ela precisa se mobilizar de tal modo que se expresse durante a interação o que de fato ela precisa transmitir.

Vale ressaltar, que as garotas de programa fazem questão de deixar claro uma delimitação existente entre a personagem que ela representa naquele momento e pessoa que ela é. Por isso, algumas imediatamente optam por não utilizar o próprio nome. De modo que é elaborado um “nome de guerra” justamente para não emaranhar a pessoa da meretriz com o personagem que ela representa. “A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado⁹”. Acresce-se ainda o fato de que, na condição de seres humanos, as pessoas possuem impulsos, vontades, recusas e oscilações em estados de espíritos. No entanto, à medida que se representa um personagem não se pode estar sujeito a essas características. Um exemplo dessa si-

tuação é o fato de algumas mulheres fazerem companhia para determinados homens, que fora daquele momento, sem a máscara e sem o di-nheiro que permite um determinado fluir na socialização não estaria em interação.

A lógica dessa interação dramática entre garota de programa e cliente, pode ser ilustrada com a seguinte passagem de Erving Goffman:

A atividade orientada para tarefas de trabalho tende a converter-se em atividade orientada para a comunicação; a fachada atrás da qual a prática é apresentada servirá para outras práticas um pouco diferentes e, assim, talvez não seja perfeitamente ajustada a qualquer delas em particular; o autocontrole exerce-se de modo a manter um consenso atuante; uma impressão idealizada é oferecida acentuando-se certos fatos e ocultando-se outros; o ator mantém a coerência expressiva tomando mais cuidado em prevenir-se contra os mínimos desacordos do que o público poderia imaginar levando em conta o propósito manifesto na interação. Todas essas características gerais das representações podem ser consideradas como coações da interação, que agem sobre o indivíduo e transformam suas atividades em representações. Em lugar de meramente realizar sua tarefa e dar vazão a seus sentimentos, expressará a realização de sua tarefa e transmitirá de modo aceitável seus sentimentos. Em geral, portanto, a representação de uma atividade diferirá da própria atividade e, por conseguinte inevitavelmente a representará falsamente¹⁰.

São essas lógicas expressas na interação que são úteis de ser investigadas num trabalho que exige que sejam analisadas as fachadas, o cenário, as maneiras de se manter o controle na interação, como se minimizam os conflitos entre outros.

Ao pensar as dinâmicas de interação e sociabilidade na zona de meretrício numa perspectiva dramática, corre-se o risco de efetuar uma análise limitada, ao supor que o conteúdo da encenação se constitui uma expressão meramente extensiva do caráter do ator e enxergar essa dramatização apenas em função de um caráter individual. Essa é uma das armadilhas

⁸GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.31.

⁹GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.58.

¹⁰GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.65-6.

que deve-se evitar, pois tal perspectiva obscurece diferenças importantes contidas na interação de caráter mais amplo. A função desempenhada por uma equipe é um bom exemplo disso.

De imediato, é preciso ficar atento para aquelas representações que servem mais para expressar as características da tarefa que é representada, do que do ator em si, tal como a prostituição. Para isso, muitas vezes a fachada pessoal da prostituta é empregada, não tanto porque lhe permite apresentar-se como gostaria, mas sim, porque sua aparência contribui para uma encenação de maior alcance ou porque o uso coletivo por parte de uma equipe faz com que ela também utilize.

Por equipe, ou equipe de representação, pode ser entendido qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular:

Uma equipe, por conseguinte, pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada de situação. Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação¹¹.

Portanto, ao pensar as interações na prostituição é necessário se ocupar tanto das ações de um indivíduo isolado, quanto do conjunto de participantes que formam uma equipe e sua interação com o todo.

Poderíamos mesmo dizer que se nosso interesse especial é o assunto do manejo das impressões, das contingências que surgem na promoção de uma impressão, e das técnicas para satisfazer tais contingências, então a equipe e sua representação podem ser as melhores para se tomar como ponto fundamental de referência¹².

Portanto, os membros de uma equipe precisam cooperar diante de um público para de-

sempenhar uma performance. Por isso, é necessário atentar também, como se dá a cooperação entre as meretrizes tanto durante o desempenho quanto fora dele. As relações de dependência, reciprocidade, e familiaridade são aspectos úteis de análise nesse contexto.

“Quando se examina uma representação de equipe, descobre-se geralmente que a alguém é dado o direito de dirigir e controlar o desenrolar da ação dramática¹³”. Nessa encenação duas funções fundamentais são desempenhadas pela pessoa que tem o poder de dirigir o espetáculo, nesse caso, a dona do cabaré. Ela é a pessoa, embora não somente, que tem o poder de incluir ou excluir quaisquer pessoas da equipe. Grande parte dos processos corretivos tanto de apaziguamentos, quanto de sanções são tomadas por ela. Outra função comumente desempenhada por essa diretora consiste no ato de estimular uma demonstração de envolvimento adequado por parte de sua equipe. A dona do cabaré acaba por distribuir os papéis na representação e a fachada pessoal que deverá ser utilizada por cada meretriz.

Se a platéia aprecia que a representação tenha um diretor, provavelmente o considerará mais responsável que os outros atores pelo sucesso da representação. Ele provavelmente responderá a esta responsabilidade fazendo exigências dramáticas a respeito da representação, que os atores não fariam a si mesmos¹⁴.

A região de fundo ou de bastidores desse palco é de grande importância para se refletir sobre as interações e sociabilidades na zona de meretrício. Segundo Goffman,

uma região de fundo ou dos bastidores pode ser definida como o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural. Há, sem dúvida, muitas funções características de tais lugares. É aqui onde se fabrica laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma. Aqui é onde as ilusões e impressões são abertamente construídas.

¹¹GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.78.

¹²GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.79. (grifo meu)

¹³GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.93.

¹⁴GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.95.

Aqui os apoios do palco e os elementos da fachada pessoal pode ser guardados, numa espécie de aglomerado de repertórios inteiros de ações e personagens¹⁵.

Assim, a partir da análise dessa região que nem sempre é vista pela platéia, o investigador deve descrever os equipamentos que estão nesse espaço, como é preparado a cena que será desempenhada em público, de forma a ilustrar sobre como funciona os bastidores desse ambiente. Esse é o lugar que as personagens da trama podem expressar seus sentimentos que não seria demonstrado fora desse espaço. Quando as garotas se “libertam” de seus personagens à medida que passa da “região de fachada” para a “região dos fundos” é natural que este espaço seja mantido fechado ao alcance do público ou pelo menos escondido deles. No entanto, uma observação participante sistemática pode permitir ter acessos a espaços que os clientes tenham dificuldades em transitar. Os gestos, as conversas, o preparo que ocorrem nesse lugar é de fundamental importância para se refletir sobre o que ocorre no palco.

Estigmas

No cenário brasileiro a prostituição, ainda que tolerada, é considerada uma atividade estigmatizada e desviante. Em função do peso desse estigma essa atividade é adjetivada como desviante. Quanto à possibilidade de abordagem desse tema, é mister recorrer ao trabalho de Erving Goffman e Howard Becker para refletir sobre o que vem a ser um comportamento desviante e estigmatizante.

Se deve haver um campo de investigação chamado de “comportamento desviante” são os seus desviantes sociais, conforme aqui definidos, que deveriam, presumivelmente, constituir o seu cerne. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinqüentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gi-

golôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos. São essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade¹⁶.

Para refletir sobre o estigma que impera sobre as prostitutas, também é importante recorrer a Goffman em função de ele elaborar uma teoria chave de interpretação dessa realidade, ao analisar as interações indivíduos estigmatizados e “normais” e as maneiras como alguns ocultam a identidade tida como deteriorada em função do estigma recebido.

Goffman se volta a três momentos históricos para conceituar o termo estigma. Inicialmente mostra que os gregos criaram esse termo para se “referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentavam¹⁷”. O estigma era uma marca corporal, realizada com cortes ou fogo, que objetivava expressar que a pessoa representava um mau para a sociedade. Com esse sinal no corpo ela era evitada em diversas relações.

Posteriormente, na época do cristianismo as marcas corpóreas assumiram um significado metafórico. De um lado representava a graça divina que era manifestada através da pele. De outro, evidenciava uma referência médica indicando sinais de distúrbios físicos.

Por fim, na atualidade o estigma é utilizado “de maneira um tanto semelhante ao sentido literal e original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação¹⁸”.

Entretanto, Goffman não se contenta com

¹⁵GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.106.

¹⁶GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 154.

¹⁷GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 11.

¹⁸GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 11.

esse entendimento no sentido de conceituação plena. Para ele é preciso descrever as precondições estruturais desse termo. Na tentativa de sanar essa lacuna, delinea como a sociedade contemporânea estabelece mecanismos para categorizar as pessoas.

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”¹⁹.

Dessa forma, o estigma se apresenta como um conceito importante para pesquisas sobre prostituição, tendo em vista que ele permite compreender como a ocupação profissional de uma mulher, nesse caso a prostituta, direciona todo um olhar de setores da sociedade. Em função da garota de programa ser rotulada, primeiramente por causa da sua atividade. As pessoas que entram em interação com elas, por vezes baseiam-se primeiramente nessa pré-concepção sobre sua atividade profissional e transformando em expectativas. Não por acaso que diversas pessoas que interagem com prostitutas perguntam por que elas desempenham essa atividade.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...] Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmen-

te quando seu efeito de descrédito é muito grande [...] e constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real²⁰.

Com isso há espaços, sejam eles públicos ou privados, que elas não são “bem vindas” dado ao preconceito recebido. A partir dessa separação de esferas torna-se necessário tentar compreender que implicações isso traz para a sua interação social cotidiana, e como elas lidam com essa situação. Isto é, quem são as pessoas que fazem parte do rol de amizades dessas mulheres que em determinados lugares²¹ carregam as marcas corporais de fazerem do sexo sua fonte de renda, e como se dá essa interação dia-a-dia.

Ao distinguir as modalidades de estigma, Goffman menciona três.

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir da prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linguagem e contaminar por igual todos os membros de uma família²².

Entende-se que a prostituta se insere no segundo tipo de estigma ao carregar a culpa de ter escolhido essa profissão. Com isso, ela que poderia ser recebida com normalidade numa relação social cotidiana, não consegue, por possuir um traço estigmatizante que pode impor a atenção e afastá-la de diversas relações de interação e sociabilidade, por causa da sua condição de garota de programa. Não por acaso, é muito comum que a mulher prostituta tente esconder sua condição para que em troca possa receber a aceitação social. A questão que se coloca é a manipulação de informações sobre sua profis-

¹⁹GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 12.

²⁰GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 12.

²¹Utilizo o termo “determinados lugares” por entender que nenhum prostituta e prostituta vinte e quatro horas por dia. Acresce-se ainda o fato de, atualmente, não ser possível identificar uma garota de programa apenas pela aparência física ou vestimenta.

²²GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 14. (grifo meu)

são. De modo que, exibir ou ocultar, revelar ou esconder sua atividade envolve, em cada caso, detalhada reflexão sobre as pessoas que estão em sociação. Incluindo quem são, onde estão e o momento da interação, portanto, mulheres que se tornaram estigmatizadas em determinados momentos da vida. Todavia, antes de adentrar na prostituição, elas já haviam tomado conhecimento de que o estigma caracteriza quem se prostitui. “Se um estigma fosse sempre aparente de imediato para qualquer uma das pessoas com as quais um indivíduo tem contato, então o interesse por ele também seria limitado²³”. Por isso, omitir em determinadas interações a atividade profissional significa, tentar minimizar ou, evitar a estigmatização que sofre.

Há estigmas importantes, como o das prostitutas, homossexuais, mendigos e viciados em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptores de objetos roubados, etc²⁴.

O estigma se constitui em uma das razões de as mulheres que atuam na zona de meretrício utilizar pseudônimo nos momentos que estão em atuação. A troca de nome na qual se passa utilizar uma nova identificação demonstra a necessidade que elas sentem em desvincular o peso de estigmatizada de sua identidade pessoal.

O estigma que recai sobre a mulher que se prostitui conduz a um entendimento de que o ato de se prostituir se constitui num desvio em si mesmo. No entanto, para refletir sobre qualquer atividade considerada desviante é preciso, antes de tudo, ter claro que regras são construções de grupos sociais que definem as pessoas que cumprem as normas impostas como “normais”, enquanto que, qualquer pessoa que deixar de cumprir será rotulada como desviante. A pessoa definida como errada pode, apenas, ter uma opinião divergente sobre determinado assunto.

“Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo²⁵”. O resultado dessa situação leva a pessoa tida como infratora de determinadas regulamentações não se considerar desviante, mas entender que desviantes são as pessoas que estabelecem normas sem estarem autorizados para tal função. Isto é, desviante pode ser tanto quem elabora e cumpre determinadas regras, quanto quem deixa de cumprir, portanto, o termo gera dúvida interpretação.

Dominação masculina

Pierre Bordieu nos mostra que o *ser* não é dotado de autonomia, no sentido da percepção de si mesmo. Inversamente, ele é um *ser percebido* pelos outros, que impõe com o argumento da naturalização sexual, formas simbólicas de dominação e percepções de práticas e atitudes aceitas de acordo com sua sexualidade nas sociações. Isso é tão impactante que chega ao ponto do dominador ter a aprovação do ato da dominação pelo próprio dominado²⁶. Nessa configuração do *ser percebido*, tem-se claramente a intenção de inserir a mulher no âmbito da dependência simbólica em que ela primeiro existe pelo e para o olhar dos outros. Decorre desse entendimento a expectativa que ela seja receptiva, atraente e esteja sempre disponível para agradar ao homem. Por isso, dela é esperado simpatia, atenção, submissão. Os reflexos dessa situação histórica no âmbito da interação é a existência de diferentes formas de violência, justificadas nessa naturalização da condição feminina. Nas dinâmicas interacionais há situações em que as mulheres na condição de dominadas, não conseguem sequer vislumbrar outras possibilidades de atuação que não sejam de acordo com os esquemas dominantes.

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto-depreciação ou até de

²³GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p.84.

²⁴GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p.84.

²⁵BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 15.

²⁶BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

autodesprezo sistemáticos²⁷.

Fundamentado nessa perspectiva o uso do conceito de gênero é útil para refletir sobre as formas de violência expressas pela dominação masculina, exercida contra a garota de programa nos momentos de socialização. Não adjetiva-se nesse estudo a violência com o termo simbólica em oposição à física de maneira proposital, com o intuito de não minimizá-la em nenhum caso ao presumir que, por mais que pareça redundante, violência seja física ou simbólica é sempre violência. Embora, em se tratando da simbólica, adentrar-se-á num campo movediço tendo em vista a dificuldade que as próprias mulheres têm em perceber que estão sendo violentadas. Aqui a dominação masculina se exerce por meio da violência simbólica que é entendida como uma “violência suave, insensível, invisível a próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou do desconhecimento²⁸”.

Comunga-se à análise sobre a dominação masculina trazida por Pierre Bourdieu ao esclarecer que, de forma alguma a violência simbólica se caracteriza por uma violência, na qual a agressão física não se faz presente.

Embora eu não tenha a menor ilusão quanto a meu poder de dissipar de antemão todos os mal-entendidos, gostaria apenas de prevenir contra os contra-sensos mais grosseiros que são comumente cometidos a propósito da noção de violência simbólica e que têm todos por princípio uma interpretação mais ou menos redutora do adjetivo “simbólico” aqui usado em um sentido que eu considero rigoroso [...] Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é obviamente o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de

que a violência simbólica seria uma violência meramente espiritual e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação²⁹.

Dado a dimensão da violência física que está presente na sociedade a violência simbólica parece um mal menor em função de esta não deixar marcas visíveis como a física. Por isso, ao não deixar marcas externas, ela tem sido tratada como um fenômeno por vezes até desconsiderável não apenas por quem toma a iniciativa de violentar, mas também pelas próprias vítimas.

Essas são as formas de violência que através da perspectiva de gênero é possível descortinar, aqueles “pequenos” atos de abusos e submissão expressos pela coerção psicológica, emocional, financeira praticados no cotidiano da interação entre homens e mulheres no interior do cabaré. Essa é:

uma violência que não deixa marcas aparentes é tão sutil que sua vítima – a mulher – fracassada em reconhecê-la como tal, embora vá, passo a passo, destruindo seu bem estar e sua auto-estima, criando um estado de confusão e incapacidade [...] Ao não deixar marcas, mantém-se no segredo da vida privada, sendo na maior parte das vezes, ignorados por suas próprias vítimas, confundidos que são com atenção, amor, ciúmes, proteção ou mesmo perda de controle diante da natural incapacidade ou inferioridade feminina, quando, do que de fato se trata, é da perpetuação do poder do homem em relação a sua parceira³⁰.

Mary Susan Miller ao investigar as diferentes formas de abuso não físico protagonizado por homens relata que a violência que não inclui danos corporais continua num canto escuro do armário, para onde poucos querem olhar. O si-

²⁷BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 46.

²⁸BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 09.

²⁹BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 45-6.

³⁰MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. p. 10.

lêncio indica que as feridas não deixam cicatrizes no corpo. As mulheres agredidas têm medo de olhar para as feridas que deixam cicatrizes em sua alma. Mas não olhar não significa que não estejam lá³¹.

As estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, família, igreja, escola, estado³².

O abuso não-físico se impõe de diferentes maneiras na interação, incluindo formas de violência simbólica tais como: medo, ameaças, submissão a vontade alheia, entre outros. Ele é utilizado como um meio para o exercício de poder. Há aqueles que abusam não pelo prazer de infligir a dor, mas sim pela necessidade de controlar. O controle é seu fim em si mesmo.

Às vezes o homem começa com uma reclamação. Momentos depois se desvia para críticas constantes. Em seguida, xingamentos e tom alto de voz se fazem presentes. O resultado é que, enquanto para o homem isso não é considerado um problema, a garota de programa é envergonhada em público, com gritos e humilhação.

Para suportar esse abuso emocional a garota de programa acaba por negar seus sentimentos e vontades, numa clara existência da dominação masculina. “Embora seus ossos não sejam nunca quebrados, sua carne nunca seja queimada, seu sangue nunca seja derramado, mesmo assim ela é ferida. Sem autoconfiança e autorrespeito, ela vive vazia, sem uma identidade pela qual se expressar. Cede o controle de sua vida ao seu vitimizador”³³.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de

instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificação assim naturalizadas, de que seu ser social é produto³⁴.

Assim, à luz de Pierre Bourdieu é preciso trazer à baila as maneiras como ocorrem a dominação masculina e as violências de gênero sofridas pelas mulheres, nos momentos de socialização no interior da zona de meretrício e que, geralmente, não vão para as páginas policiais dos jornais e sequer a polícia e autoridades judiciais tomam conhecimento.

CONCLUSÃO

Diversas são as formas de abordagem que se apresentam diante de dos estudos sobre prostituição feminina. Dado a necessidade de escolhas, optou-se por não apresentar chaves de leitura que discutam o assunto pela perspectiva binômica que associa a prostituta como oposta àquilo que a sociedade espera das mulheres. Nem mesmo investigá-la como desviante. A indicação foi por estudar o universo da prostituição com o objetivo de captar as dinâmicas de interação e sociabilidade que ocorrem entres esses atores sociais num ambiente específico dessa atividade que é a zona de meretrício, palco da trama. Ao analisar os aspectos interacionais, novos estudos poderão compreender as dinâmicas internas que regem estes locais.

A perspectiva adotada parte da premissa de que a prostituição é vista como uma troca que não se limita nos elementos econômicos. Em alguns casos ele é apenas o instrumento de partida, no qual o desenrolar depende de uma série de outros fatores. É nesse sentido, que o contexto de gênero, enquanto categoria analítica permite identificar alguns desses outros ele-

³¹MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. p. 20

³²BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 46. (grifo no original)

³³MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. p. 40.

³⁴BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 47.

mentos.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.